

Aveiro Deixaram de ser crianças com carências e passaram a adolescentes problemáticos. São os que mais vão para centros de acolhimento

Retirados das famílias por mau comportamento



No Centro de Acolhimento Crescer a Cores, os rapazes veem televisão até às 21.30 horas, depois ceiam e vão dormir

Catarina Silva

locais@jn.pt

► Desde há 10 anos que o número de crianças e jovens retirados aos pais tem vindo a diminuir em Portugal. Entre 2006 e 2016, houve um decréscimo no sistema de acolhimento de 29%. Mas hoje o paradigma é diferente. Deixaram de ser crianças com carências básicas para serem adolescentes, entre os 15 e os 17 anos, com problemas comportamentais.

São o resultado dos novos con-

ceitos de família, de pais divorciados, de famílias monoparentais ou reconstruídas. E entram em casas de acolhimento já prestes a atingir a maioridade, com problemas de comportamento graves, de toxic dependência e saúde mental. “Aos 17 anos a motivação para o acolhimento não existe”, explica Brígida Ramos, assistente social no distrito de Aveiro, um dos que têm mais jovens acolhidos.

“Reagi muito mal quando saí de casa. Mudei de escola, tive de deixar os meus amigos”. Pedro (no-

mes fictícios) tinha 12 anos quando chegou à Casa de Acolhimento Crescer a Cores, em Castelo de Paiva, e é um exemplo do novo paradigma do acolhimento.

Regras e pais trabalhados

“Vim aqui parar porque faltava às aulas e porque os meus pais só mandavam vir comigo”, conta. Na parede da entrada está afixada uma tabela com verdes, amarelos e vermelhos, que serve para avaliar a semana. São recompensados pelos verdes, penalizados pelos vermelhos. Ao todo, são 16. Só ra-

pazes, até porque eles (52%) continuam a ser mais no sistema de acolhimento.

Hoje, Pedro tem 16 anos. Estava prestes a ir para o treino de taekwondo, quando contou que ali encontrou amigos. “Agora porto-me bem, respeito as pessoas, não falto às aulas”. Os pais também estão a ser trabalhados, para que no final deste ano letivo o Pedro regresse a casa, explica Marlene Gomes, assistente social na Crescer a Cores.

Por lá, têm regras, como horas para usar o telemóvel e para estudar, e tarefas. Limpam as casas de banho, fazem as camas, ajudam na cozinha, levantam a mesa, tratam da roupa. Afonso tem 15 anos e chegou há sete meses. É um caso particular, porque viu o acolhimento como uma ajuda. “A minha mãe bebia muito e estava com um companheiro com quem só sabia discutir. A juíza disse que era melhor eu vir para aqui. A instituição tem-me ajudado muito”, reconhece. A irmã mais velha de Afonso vai agora requerer a sua tutela. Gostava que ele fosse advogado, mas ele quer ser futebolista. E porque a instituição tenta ir ao encontro das expectativas dos miúdos, vai começar a jogar no Paivense.

Muito antes de Afonso, chegou Ivo, em 2009. Tem agora 17 anos. O pai era alcoólico e vivia-se um cenário de violência em casa. “Eram dias de eu acordar à noite e ele me mandar pedir tabaco às pessoas. Se

não chegasse a casa com cigarros levava no corpo”. Os cinco filhos foram todos retirados à família, e Ivo foi institucionalizado com um irmão mais novo, que entretanto foi adotado. “Foi difícil, mas tive ajuda de muitos e levantei sempre a cabeça. Encontrei aqui uma nova família”, agradece. Tudo indicava que Ivo iria ficar na instituição. Até já tinham pensado que se tornaria funcionário quando atingisse a maioridade. Mas não. Uma das irmãs que, na altura, ficou numa instituição diferente, entretanto constituiu família e tem vindo a acolher os irmãos. Encontrou Ivo há um ano e quis adoptá-lo. O tribunal aceitou, sairá no próximo dia 15. Ao contrário dos outros, a zona de conforto de Ivo é a instituição, vai agora reaprender a viver numa casa. “Por um lado estou triste por abandonar a família que criei aqui, mas por outro estou muito feliz”. ●

Têm problemas comportamentais, de toxicod dependência e saúde mental

499

crianças e jovens em situação de acolhimento no ano 2016, em Aveiro, o que representa menos 6,5% face ao ano ante-

rior (534).

Intervenção

● No sistema de acolhimento atual há uma prevalência dos adolescentes e de problemáticas como a saúde mental, para as quais não há respostas. Assistentes sociais sublinham as dificuldades em trabalhar estas idades, porque não há motivação para a correção, e as famílias, que têm de ser trabalhadas paralelamente para preparar o regresso, entendem a medida como um castigo e não colaboram.

Cessação na maioridade

● A cessação do acolhimento prende-se cada vez mais com o atingir da maioridade do que com a correção dos problemas. Os casos de sucesso são residuais. Se em 2015, em Aveiro, cessaram o acolhimento 204 jovens, em 2016 esse número baixou para 182.

Aveiro quer modelo comum

● Os intervenientes na promoção e proteção de jovens de Aveiro discutiram novos modelos de intervenção, com base no novo paradigma do acolhimento. Querem criar uma matriz comum. Estiveram presentes as Comissões de Proteção e Casas de Acolhimento do distrito, mas os tribunais, principais decisores, não aceitaram o convite.

Distritos Lisboa e Porto lideram

Os distritos de Lisboa, com 1498 (18% do total nacional), e do Porto, com 1352 (17%), são os que apresentam o maior número de crianças e jovens em situação de acolhimento. Logo seguidos pelos distritos de Braga, com 607, Coimbra, com 516, Setúbal, com 512 e Aveiro, com 499.

No total, são 10 688 as crianças e jovens acolhidos a nível nacional. Mas no que toca à saída do acolhimento, Lisboa e Porto também são os que mais contribuem, logo seguidos de Aveiro, Setúbal e Braga. Em contraponto, os distritos com o menor número de crianças e jovens na situação de acolhimento são os distritos de Évora, com 124, e Viana do Castelo, com 164.

